COLETÂNEA

DIÁRIOS DE QUARENTENA

COLETÂNEA

DIARIOS DE QUARENTENA

Organização
Rebeca Gadelha

Recife - 2020

Capa
Victor Ballesteros
https://unsplash.com/@vikorugo

Curadoria
Taciana Oliveira

Organização
Rebeca Gadelha

Diagramação
Rebeca Gadelha

Fotografias
Argentina Castro
Leo Silva
Lisiane Forte

MIRADA
SELO MIRADA É UMA MARCA ZEST ARTES E COMUNICAÇÃO

Dados para Catalogação na Fonte
Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

D539

Diários de quarentena: coletânea / Organização: Rebeca Gadelha; curadoria: Taciana Oliveira; diagramação: Rebeca Gadelha; fotografias e ilustrações: Léo Silva, Lisiane Forte e Argentina Castro. - 1. ed. - Recife: Selo Mirada, 2020.
PDF (112 p.): il.: color.

Inclui dados biográficos dos autores.
ISBN 978-65-89460-00-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia - Literatura brasileira. 3. Contos - Literatura brasileira. 4. Crônicas- Literatura brasileira. 5. Pandemia. 6. Quarentena - COVID-19. 7. Fanzine. I. Título.

CDD B869

Índice

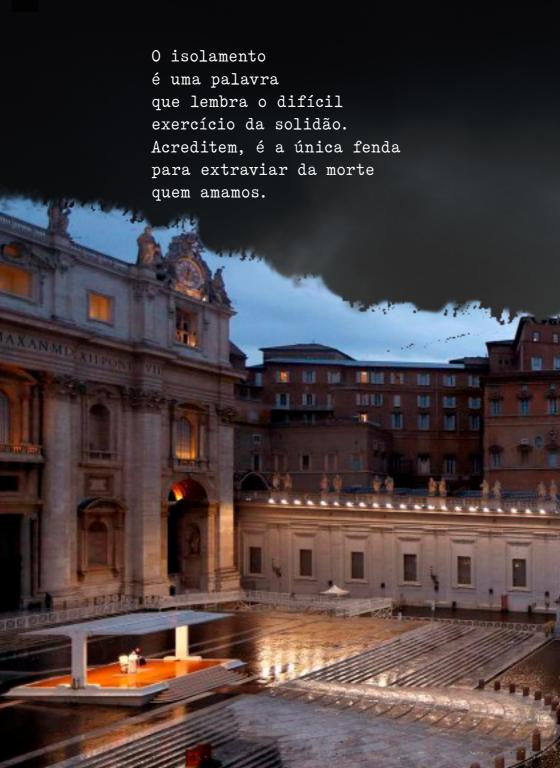
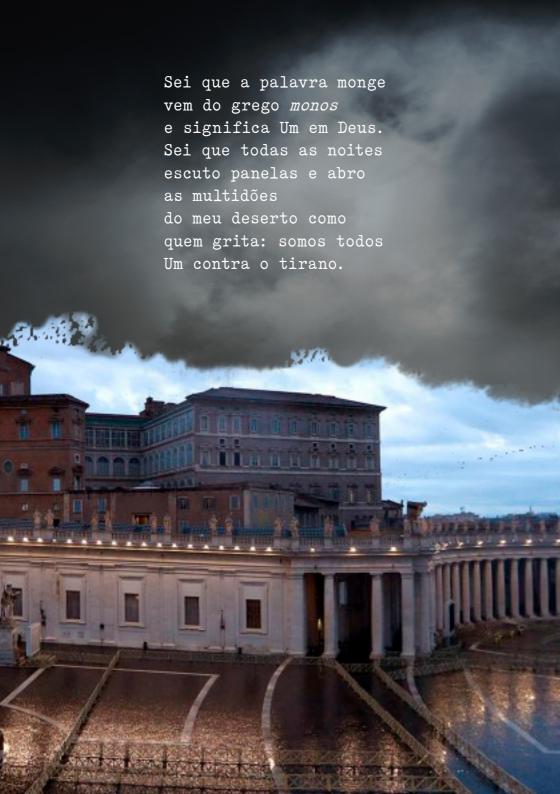
Algumas palavras sobre a [zine] Quarentena

Esta coletânea de zines surge da necessidade de movimento e, na impossibilidade de continuarmos a ocupar as ruas, muros e repartições com arte, transportamos esta ocupação para o mundo digital. A proposta aqui é trazer a arte de isolamento para isolamento a fim de nos manter conectados não apenas com os outros, mas com nós mesmos. Para isso, reunimos não apenas escritores de vários estados do país e dos mais diferentes contextos sociais, mas também fotógrafos, profissionais da saúde e artistas que trabalham com diferenciados tipos de arte e que com seus versos, prosas, fotografias ou ilustrações retratam a poesia que (in)existe nesses dias em que quase esquecemos como é estar do lado de fora.

Rebeca Gadelha

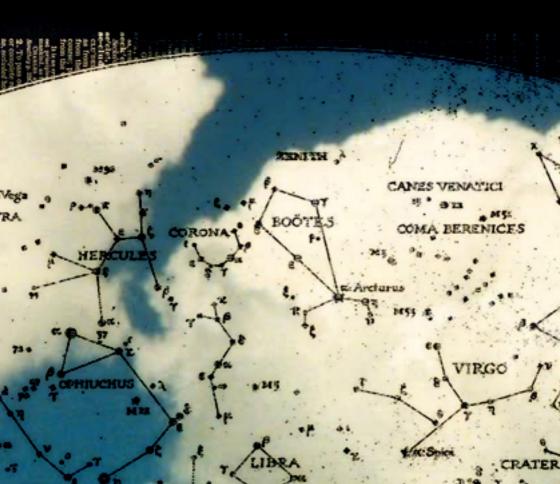
DIÁRIOS DE QUARENTENA #1

O isolamento
é uma palavra
que lembra o difícil
exercício da solidão.
Acreditem, é a única fenda
para extraviar da morte
quem amamos.

Sei que a palavra monge
vem do grego *monos*
e significa Um em Deus.
Sei que todas as noites
escuto panelas e abro
as multidões
do meu deserto como
quem grita: somos todos
Um contra o tirano.

Tito Leite nasceu em Aurora/CE (1980). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de ensino de Filosofia. É autor dos livros de poemas *Digitais do Caos* (Selo edith, 2016) e Aurora de Cedro (7letras, 2019). Participou das antologias *Sob a pele da língua — breviário poético brasileiro* (org. Floriano Martins, Arc Edições, 2019), *Revista Gueto: edição impressa* n.1 (org. Rodrigo Novaes de Almeida, Patuá, 2019). É curador da revista gueto. Tem poemas publicados em revistas impressas e digitais.

DIÁRIOS DE QUARENTENA #2

O tempo em que o mundo parou

Liliana Ripardo

Diário de uma quarentena.
Dia 01 de um mundo pré apocalíptico.
...

A terra parou com uma bomba chamada COVID-19. E nós que achávamos que morreríamos num ataque zumbi interestelar, ficamos chocados ao saber que faleceríamos em um simples tocar. Ninguém toca em ninguém.

Diário de uma quarentena.
Dia 02 de um mundo pré apocalíptico.
...

Atualização das informações. Não posso ir ver vovó, nem ver o filme que tanto queria. Se sair na rua, tem que levar equipamento - álcool em gel, máscara, lenço antibactericida. Ao chegar em casa, desinfeta corpo e roupa.

Diário de uma quarentena.
Dia 03 de um mundo pré apocalíptico.
...

Eu que tanto sonhava com uma viagem para a Itália, passei a ver a destruição. Tantos mortos em um dia. Descumprimento da ordem universal, quarentena. Noticiário me deixa medrosa. Logo eu que não temia a morte e vez ou outra brincava com a cara de Hades.

Diário de uma quarentena.
Dia 04 em um mundo pré apocalíptico.
...

Choro. Choro. Choro. Ameaça não só de morte pelo COVID-19, ameaçada pela desgraça de um (des)governo. Briga do(s) século(s): VIDA x ECONOMIA.

Diário de uma quarentena.
Dia 05 em um mundo apocalíptico.
...

Quanto mais eu me informo mais enlouqueço. A epi-demia virou uma pan-demia, surgindo no planeta todo, ceifando milhares de vidas... quase toda uma nação.
Por fim notaram que a economia do meu país sobrevive graças aos "menos favorecidos". Mas daí eu lembro de um das primeiras regras do xadrez, sacrificar primeiro os peões. Afinal ,reis e rainhas não seriam importantes se não houvesse os santos peões.

...

Desaprendi a contar.
...

Desaprendi não, não quero mais contar.
...

Desacelerando em 3... 2... 1...

Depois que uma bomba estoura, há rastros de destruição por onde os olhos passam. Mortos, tristeza e dor. Mas também lição...

O planeta ativou o modo sobrevivência.
Ela está nos expulsando, assim como a destruímos.
Vivemos de forma errônea, sempre olhando só para si.

Foi nos dado um pouco mais de tempo, para desacelerar nosso egoísmo, consumismo.
Que as famílias fiquem mais tempo juntas, pais brinquem mais com seus filhos, casados reacendam o fogo da paixão.
Tempo precioso para se (re)conhecer, descansar, cuidar de si e de quem ama.

"PANDEMIA ACABOU.
ACHADO A CURA PARA O COVID-19."
Será utopia?

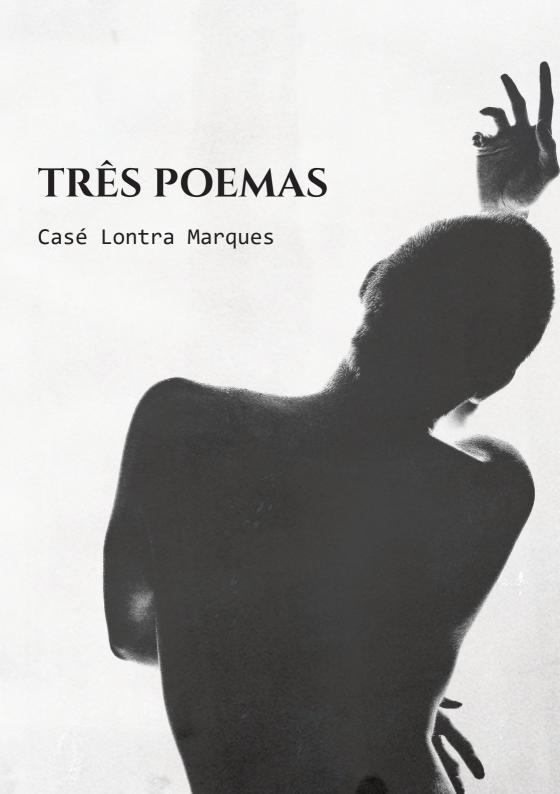
Assim como se encerra os clichês de filmes hollywoodianos, TO BE CONTINUED...

- Quando a ordem universal QUARENTENA acabar, quem você quer abraçar?

Liliana Ripardo, nascida no início dos anos noventa, na cidade de Fortaleza/CE, filha mais nova de uma família humilde, moradora de periferia, orgulha-se de quem se tornou. Crescida, decidiu atrevidamente aprender a Língua Brasileira dos Sinais e a paixão pela LIBRAS virou profissão. Define-se como uma menina-mulher que tem na leitura um amor antigo. Escrever é seu abrigo – e aliado – em meio ao caos que lhe permeia. Participou das coletâneas *Paginário* (Aliás Editora, 2019), *O Livro das Marias* (Editora Ixtlan), *De Bala em Prosa: vozes da resistência ao genocídio negro* (Editora Elefante, 2020) e *Laudelinas* (Nada Studio Criativo, 2020). É idealizadora do projeto Literatura & Libras no Instagram @literaturalibras

DIÁRIOS DE QUARENTENA #3

MIRADA

TRÊS POEMAS
Casé Lontra Marques

A pertinência do despropósito

Olhos rugosos varrem o vazio à volta.
Um corpo
— afinal nunca ameno — pode ser
despido
de tudo, menos
do tempo.
Desencapando as empreiteiras do pânico
(que, a esmo, tropeçam
nos próprios
eixos).
Anzol de um zunido azul, para
não dizer
azucrinante — e largamente alheio
(largamente
alheio) à liberdade.
Ou
até mesmo ao
seu avesso.
A pertinência do despropósito —
chamo isso
de amor — sustenta o
nosso solo.
Cada passo, um
ninho (um torvelinho):
afeto é
oferta de afinco.

Coisas com sangue quente

Gosto de coisas com sangue quente,
inclusive aquelas
que me contestam questionam desafiam;
coisas com
sangue quente
atingem
— percussivamente — uma leveza
virulenta porque
irradiada pela interrogação,
vício de viés
esguio: que espalha o silêncio (para
instalar o espanto); que escala
a letargia
(até comprometer o destino
de seus danos):
antes
disso, contudo, coisas
com sangue quente jejuam do luto
gestando
jogos alheios ao lucro —
enquanto
o fascínio pelas
palavras fundamento
oblíquo
afunda as unhas
na
carne dos mitos.

O fracasso da atrofia

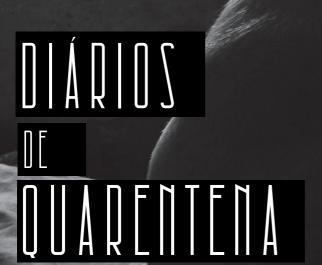
Meticulosamente, o percurso que é paixão
pune o pânico
com um pacto milimetrado: alcançar —
caudalosa
minúcia — a calma,
não
o descaso. Tampouco
a subserviência.
Quase tudo
que antes tinha cheiro de receio
hoje
atesta o fracasso da atrofia;
filtrando o estorvo (para influir
em sua
música), uma infestação de
lapsos toma os ossos
todos.
Até que flutuar
seja um
meio — talvez amniótico —
de
reaver o solo.

::

Casé Lontra Marques é poeta. Nasceu em 1985, em Volta Redonda (RJ), mas mora em Vitória (ES), onde cresceu. Publicou Desde o medo já é tarde, O que se cala não nos cura e Enquanto perder for habitar com exatidão. Reúne o que escreve em sua página pessoal: caselontramarques.blogspot.com.

#4

A parte mais difícil

Rebeca Gadelha

A última vez que vi meu avô vivo foi atrás de um vidro. Não era o Covid-19 - era tuberculose. Quando ele saiu do isolamento do quarto do hospital (onde era permitida visitas e acompanhantes, desde que usando a famosa máscara N-95 e onde ele recebeu a extrema-unção de seu primo padre) e precisou ser internado para UTI; "fraco demais para uma transferência" os médicos improvisaram uma barreira de plástico e vidro entre ele e os outros pacientes. Foi assim que o vi, entubado, coberto, cheio de aparelhos e através de um vidro. Aquela criatura fraca que mal podia respirar não era mais meu avô, era outra coisa, era uma casca do homem que eu havia conhecido, tão diminuído pela falta de ar e pelas febres constantes, tão diferente do homem que me dizia que gordura faz bem e que me contava histórias do seu tempo no mar. Ainda assim quis vê-lo, mas não podia tocá-lo, nem me aproximar. "Muito fraco, muito arriscado".

A partir daí me veio uma sensação estranha, como você se despede de alguém que não pode tocar? Não pode falar? Dá uma sensação estranha, de ver alguém através de um vidro assim-parece algo de um cenário pré-apocalíptico ou parte de um show de horrores de muito mal gosto. Nós conhecemos a tuberculose-ela esteve entre nós por muito, muito tempo-sabemos que remédios tomar, por quanto tempo, sabemos que os rins e o fígado são os principais afetados, que o pulmão pode ficar com lesões. Mas sabemos. E essa é a principal diferença entre a tuberculose o Covid-19. Sabemos. Isso foi há 10 anos. Não imaginava que a situação pudesse se repetir e para tanta, tanta gente, esse tanto de tempo depois. 10 anos e a dor não murchou. Em 20 anos, quando estivermos curados dessa pandemia - ou talvez ainda mais doentes - a dor vai murchar?

Para todos aqueles que estão enterrando seus amores em caixões fechados, privados de uma última palavra, um último carinho, que dor os aguarda?

O tempo e as desavenças de família levaram meus avós e tias, mãe não está no grupo de risco e eu não sei dizer como me sinto por não ter mais essas pessoas. 10 anos sem meu avô, 7 anos sem minha avó. Quando tudo isso acabar, seria eles que eu gostaria de abraçar - se eu ainda os tivesse.

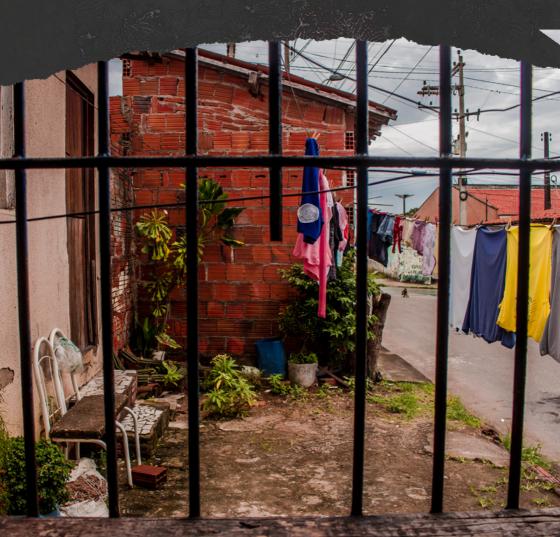
"Só espero que você saiba
que se você disser
adeus hoje
te peço para que seja sincero
porque a parte mais difícil disto
é deixar você"

Câncer - My Chemical Romance
Tradução livre

beca cresceu em Fortaleza, na companhia dos avós. É geógrafa, artista digital, otaku e gamer. Tem um fraco por criaturas peludas e chá gelado. Enquanto seus gatos dormem escreve para as revistas do Medium *Fale com Elas* e *Ensaios sobre a Loucura* sob o pseudônimo de Jaded.V. Participou das coletâneas *Paginário* (Aliás Editora,2019) e *Laudelinas* (Nada Studio Criativo, 2020), sendo responsável pela diagramação e direção de arte da última. Atualmente trabalha com a edição de vídeos do projeto Literatura & Libras (ig @senhorita_ly) e com a diagramação e arte da série *Diários de Quarentena* em parceria com o Mirada.

MIRADA
DIÁRIOS DE
QUARENTENA #5

Diário duma Quarentena

Leo Silva

Na minha rua existe um vazio, existe no agora onde todos nós nos encontramos confinados em casa, tentando nos cuidarmos o máximo que podemos, mesmo que a gente não tenha o álcool, gel e aquela máscara. Esses dias saí para fotografar, saí do meu quarto juntamente com a camera e o tripé, fui no quintal, virei para o lado da porta, olhei para o céu que azul, via ali na porta o corredor que dá para a outra porta, essa que entra e sai gente em seus dias normais, como uma ponte. Vejo a rede balançar, a bike de meu pai parado e tal hora e as crianças que correm em suas brincadeiras. Do outro lado está minha mãe, tomando seu café, olhando seu celular, o único meio dela falar com o restante dos familiares. E Eu ali, visualizando e tentando encontrar de que ponto de partida começa essa rotina.

Minha mãe, meu pai, minha irmã se tornaram pontos de partidas pra esses rascunhos onde, bem cedo, ao acordar com o som de meu pai, que começa a tocar e escutar as notícias do dia, esse barulho acorda o restante da casa, as sombrinhas e sombrinhos se levantam e transitam na casa, minha mãe também, que vai na cozinha, coloca o café no fogo e minha irmã sai para seu trabalho. Essa rotina é bem cedo, antes das seis horas, me vejo inquieto e irritado ao mesmo tempo, nesse tempo todos nós temos dormido pouco, a quarentena tem mexido com nosso tempo e horário diário e,

nos pequenos compartimentos, me vejo inquieto do que fazer, para uma pessoa que gosta de *tá* em movimento, ficar em quarentena se torna algo nada legal. Mas cá estou, escrevendo sobre isso, tentando entender como *se vou* e como lido com tudo isso, mesmo que eu poderia aproveitar para agilizar meus pequenos projetos.

Na tarde, perto da chegada da noite, os gritos nas ruas tomam seu espaços, meninos e meninas saem de suas casas, as vizinhas a frente de suas casas, sentadas em suas cadeiras, as filhas, os filhos correm para um lado e para o *oto*, se encantando nas suas pequenas brincadeiras daquele momento. O sol se esvai no final de nossa rua, clareando o céu com seu lindo amarelo e laranja, tomando o azul que ali estava.

Mesmo dentro do quarto eu lembro do dia, do início dessa quarentena, as ruas movimentavam-se numa correria, aos poucos se tornando vazia enquanto todos viam, em qualquer lugar, algo sobre o vírus, na rádio e na tv.

1/Poema

É dia, desde cedo o som começa a tocar, o som do fundo, da rádio e sua programação...

Os assuntos diversos *atraversa* o dia mesmo que lá no fundo, o barulho da rede fique, e fica...

indo *pra* lá...
indo *pra* cá...

Do outro ponto as crianças correm, brincam e tal hora sua mãe grita, em *oto* momento brincam, brigam e brincam entre sim, indo *pra* lá, *pra* cá

ela,
a mãe,
a avó
que sempre *tá* indo *pra* lá...

pra cá.

Em *otos* momentos, passa
para na cozinha,
enche o copo com café
e manda *pra* dentro

O dia,
com pouca luz que entra na casa, atravessa o pequeno corredor. o radio não cessa, os barulhos ao arredores também não.

Mas dentro disso tudo existe um Silêncio,
mesmo que ele não esteja ali
à vista

ou mesmo *prendida*
aos nossos ouvidos.

No fundo,
de tudo isso.
A gente tá em silêncio,
com o outro,
com a pessoa próxima.
Com a gente.

Silêncio.

Nota: os trechos em itálico correspondem a grafia original do autor.

Leo Silva é fotógrafo, escritor e morador da Comunidade do Santa Filomena desde que nasceu, já fez duas exposições referente a seus trajetos, Simples-Cidade Simplicidade que trás nas imagens boa parte das comunidades que compõe o Jangurussu, Meninos de Deus referente ao grupo de futebol da comunidade. Participou como co-autor através de suas fotografias do livro SARAL #2 com Talles Azigon, tens escritas publicadas no ebook Vozes do Jangu e no livro Poetas de Lugar Nenhum - Sarau da B1, e escritas publicadas em sites e blogs. Saral #2 é um livro de poesia e fotografia. O projeto é de Talles Azigon que é um grande poeta na cidade. A proposta do projeto é facilitar o acesso a poesia, e nesta segunda edição o livro Saral é composta pela as minhas fotografias.

DIÁRIOS DE QUARENTENA #6

André Luiz Pinto

Caderno,

e eu que achava que o pior
de ti era a poesia...
Não te vejo desde o dia
em que vírus tomaram
conta da cidade.
É por medo de saber
que estiveste a meu lado
em ônibus, taxis, metrôs
que me afastei de ti.
É por saber que eras meu amigo
e agora não és mais.
Deixo teus poemas
como jarros quebrados,
brinquedo desfeito
na manhã seguinte
à explosão de Chernobyl.
Temo que agora carregues
outro germe contigo.
Que não sejas mais
meu confidente, mas
o meu melhor inimigo,
esperando que eu adoeça
palmilhando em teu corpo
os versos que desisti.

André Luiz Pinto da Rocha nasceu em 1975, Vila Isabel, Rio. Doutor em Filosofia pela UERJ, leciona na SEEDUC-RJ e FAETEC. Publicou *Flor à margem* (Produção independente, 1999), *Primeiro de Abril* (Hedra, 2004), *ISTO* (Espectro Editorial, 2005), *Ao léu* (Bem-te-vi, 2007), *Terno Novo* (7Letras, 2012), *Mas valia* (7Letras, 2016), *Nós, os dinossauros* (Patuá, 2016) e *Migalha* (7Letras, 2019).

DIÁRIOS DE QUARENTENA #7

À Casa

Argentina Castro

Junto com a matriarca, a casa também envelheceu.

Arrebentou veias, dilatou o útero para parir os filhos e os não filhos que por ela andavam e, ainda, andam.

Ruidosa, sempre pareceu sangrar.

Hoje, mais que nunca, continua a jorrar seu leite quente por debaixo da terra molhada.

É uma casa rio, uma casa lagoa.

Nela, crianças lambem, com a sola dos pés, as letras postas nos livros espalhados em suas brechas.

Espírito que mora em mim, criado dentro dessa casa e não dentro de nenhuma outra, sempre foi um inconformado, um deprimido, mas agradecido.

Essa casa me construiu, desconstruiu, demoliu e reergueu tantas vezes!

Nesse chão que abriga uma cacimba e um poço profundo, vivenciamos nossas lutas, e talvez, pela força das águas que nos cerca, derramamos tanto choro.

É que pobreza demais costuma querer botar fraqueza na alma da gente. Ou força!

E a casa, já nem suporta. Deu para rachar paredes, descascar o ferro, enrugar a pele.

Parece que se auto engole como, talvez, um bicho sozinho e desvairado de fome.

É uma casa/mãe!

E dela nasce toda ordem de frutos e flores.

O verde nosso de cada dia foi cuidadosamente semeado pelas mãos da velha bruxa mãe.

Que parte dessa grandeza, me cabe?

Um rio passou bem no meio de nossas vidas.

Nos viu crescer e viu as portas e janelas, que não existem mais e também a carroça de meu pai.

A casa, a bendita, é nossa aorta, nossa raiz.

Nós, talvez, as pessoas mais tortas a manchar sua memória de casa/gente, casa/espírito.

A casa é tudo o que tenho, tudo o que sou.

E eu sou essa lama a escorrer
mole e fria por debaixo do tapete
imaginário de sua não suntuosa
porta.

A casa é meu pai

A casa é minha mãe

Meu pai nosso, meu amém.

Minhas irmãs, meus irmãos.

A casa são os sobrinhos, os netos, os filhos.

A casa, meu axé!!

Assim seja!

Deus bendiga e segure suas paredes!

Dê limite à ferrugem de suas ferragens e a nossa ingratidão.

À casa, abrigo/umbigo, toda a minha/nossa gratidão!

Na ida ou na volta,
quando passar por essa porta,
para cada poesia que deixar,
levará uma minha em troca.
Toda poesia é um caminho
sem volta.
Abençoado seja teu pensamento
Abençoado seja teu sentimento

Seja bem vindo!

Argentina Castro é uma mulher visceral. Vive a se cortar e a se ferir no mundo pela sua intempestividade. Coração de adolescente, teimosa que só a peste, não tem medo de dizer ou de escrever sobre tudo o que sente. Canceriana que é, sente muito. Áries como ascendente é o que lhe ajuda a botar o pé no chão e no freio devido sua mania de querer tocar a lua. É lunática! Acredita mais nas plantas e nos animais do que em certas pessoas. Ama cachorros. Tem se esforçado pra não perder a ternura, jamais! Mas confessa: tá difícil!

DIÁRIOS DE QUARENTENA #8

Poemas de Quarentena

Tiago D. Oliveira

polaroid

sábado. depois da chave, do ferrolho, do trinco – bom dia! a rua entre nós. vazia. há dias observo os pássaros que pousam nos fios. os insetos de minha infância cortando a novela antiga na televisão. um cavalo a caminhar na praça. a vizinha tem luvas azuis e máscara com bolinhas. não me olha nos olhos quando abandona o sol. taciturna. bom dia.

não há o velho do pão na bicicleta. não há. um quebranto alonga-se e o olho roxo da vizinha não é maior do que o medo de passar mais tempo em casa com o seu marido.o home office, a falta de papel higiênico no supermercado. irrequieto, implode lento aquele calmo calor das manhãs, penso no velho do pão na bicicleta que não há mais aqui.

as crianças reiniciam o ritmo. os quintais são países independentes, um mundo novo e igual. bom dia. tento sair dos três segundos em que ela acena com a mão de luva azul. o velho do pão ainda será a nossa poesia? deste dia sem fim, imaginamos desfechos e retomadas [bom dia

o vento empurra o portão: este peso nos ombros recobra a linha tênue que une todos nós agora – e se surgir alguém? bom dia. não, as notícias de jornal estão matando também. mas as crianças aparecem reescrevendo o verso que sou toda manhã, há quase trinta dias. trinta vezes trinta. nada.

vem pai, vem logo, tá sol. veja. entra. vamos brincar.

Tropismos

I

pousos de pássaros e fios, detenho-me também
em um tempo sem lives. lagartixas ilesas ao sol,
coleciono agora saudade. toda beleza é ruína.

II

a voz é memória. Chaplin. a televisão.
nosso alpendre ao vento ornando a vida lá fora,
deixo folhas de papel pautado soltas na janela.

III

alguém atravessa a rua, rindo ao celular,
não sabe se bebe ou esfrega o álcool 70%.
arrependo-me dos abraços que não dei.

IV

conter a velocidade é negar o mundo:
faço versos noturnos fitoterápicos com o sono
em julgamento. esqueço-os todos durante o dia.

V

é latência, mesmo com a dança ministerial.
eviterno sentir sob os acontecimentos:
crescimento é dor trans/carnal.

Tiago D. Oliveira nasceu em 1984, em Salvador-BA, graduado e mestrando em Letras pela UFBA, tendo passado pela UNL (Portugal). Tem poemas publicados em blogs, portais, revistas e jornais especializados no Brasil, Portugal e Espanha. Participou também de antologias no Brasil e em Portugal, dentre elas: *Contos nos is* (Edições Ecopy, 2011, Portugal), *Entre o sono e o sonho – tomo I, II e IV* (Chiado Editora, 2013 e 2016, Portugal), Publicou *Distraído*, poesia (Editora Pinaúna, 2014), *Debaixo do vazio*, poesia (Editora Córrego, 2016) e *Contações*, poesia (Editora Patuá, 2018).

Contatos:
tolidiasum@gmail.com
https://www.facebook.com/tiago.dias.3348
https://www.instagram.com/tiagod.oliveira/
https://tiagodoliveira.wordpress.com/

DIÁRIOS DE QUARENTENA #9

Agulha e Linha para Costurar

Lisiane Forte

A marca da falta

Do rastro dos que passam,
ler as marcas que se inscrevem.
Das limitações temporais que não resistem às brevidades,
saber dos enigmas que nos atravessam.
Dos enodamentos que persistem,
compreender que possamos nos esquecer,
e que os nós lembram de nós.

Agulha e linha para costurar

A "vida só é possível reinventada", esse é um dos fragmentos do poema 'Reinvenção' da escritora Cecília Meireles.

E é, também, uma espécie de mantra para mim,
desde que conheci a literatura brasileira feita por mulheres.

Costurei essa frase aos pés - assim como pediu Peter Pan a Wendy, amedrontado, em um dos muitos encontros que teve ao adentrar a janela dos "meninos perdidos" - num "mundo que deixou para trás".

Ao longo dos que todos chamavam de quarentena, eu vivia o "meu processo pandêmico".

Lembro, também, de um filme chamado "Manchester à beira-mar", que assisti bem antes de ter sido decretado o distanciamento social no Brasil.

O filme retrata, de forma real e feroz, os processos de luto x melancolia de um dos protagonistas.

Costurei essa dramática aos pés também.

Precisei, nesse tempo, criar uma colcha de retalhos, a fim de me proteger do frio, então usei agulha e linha, como a Wendy, da história do garoto que não queria crescer, mas que não podia voltar para a "Terra do Nunca" sem levar a sua sombra.

Essas costuras todas
me convidaram a balançar os pesos,
pois o tempo já batia à porta

e não era de agora.

A dor encontrou o meu passado engavetado, como os mortos no cemitério, mas também debulhou as minhas tantas projeções no futuro - invisíveis e letais, como o vírus do covid-19.

Deixei entrar na minha casa, pela porta da frente,
todos os pesos que pude carregar nas costas,
durante esses dias.

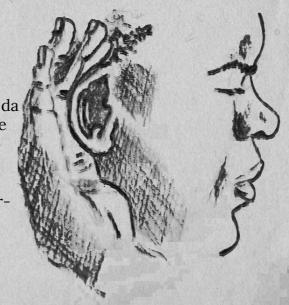
Mas, desde quando não faço isso?

Se "a vida é traição, agitação feroz e sem finalidade", como li em um dos escritos de Manuel Bandeira,
só posso saudar a matéria que se passará, pois a alma um dia estará liberta desses pesos todos.

Eu bem sei que esse corpo se vai
e merece respeito diante da vida.

Isso eu sei,
mas sinto muito
e sinto tanto.

Nesse processo pandêmico da vida, que veio mostrar a face de minha própria morte tão certa, assim de perto

como numa sombra que percebemos,
como uma entidade,
que perambula por todas as

paredes da casa;
como nos grunhidos dos recém-nascidos ao dormirem,
já cansados de tanto mamar -

vimos vidas ceifadas e banalizadas por tantos de nós,
seres dessa terra
que é nossa e de todos os nossos mortos, também,
amém.

LISIANE FORTE é psicóloga, especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade de São Paulo (USP). Escritora cearense, autora do livro 'Liames', e de diversas antologias poéticas e de artigos científcos em sua área de atuação 'Psicologia e Arte'. Atua há 18 anos na área de condução de grupos, é idealizadora do grupo 'COM TATO - Ateliê de Mulheres', onde, na clínica social, aborda junto às participantes as temáticas contemporâneas do feminino.

E-mail: lisiforte@hotmail.com
Instagram: @lisianeforte

DIÁRIOS DE QUARENTENA #10

Quarentena

I

Depois
desse tempo
de quarentena,
pergunto-me se,
de fato,
serão quarenta
ou uma centena,
e não sei
se cem,
ou quantos serão,
mas hoje será
sempre
o mesmo dia,
que cabe,
imperfeito,
na solidão
de tanta poesia.

Bruno Ramalho

II

Isolamento
sempre vivi
no verso
em que,
no futuro,
sempre
me perdi e,
também,
no inverso,
quando
hei de ser
achado
no passado.

III

A poesia
ora me isola
de mim
e assola
meu mundo,
ora me diz
quem sou
no isolamento,
ora me deixa
e é tanta coisa
e tanta gente,
um barulho
que o vazio
desleixa.

IV

Versos
de quarentena
perdem-se
mais em si
que em mim,
esbarram-se,
vida sem ninguém,
sequestram-me
do nada,
mas do nada
fazem-me
refém.

V

A poesia
é multidão,
contraria
a ilusão do vírus,
tripudia,
aglomerada de sentido.
Num texto bandido,
banido serei
do mundo meu,
dos outros
e dos que não sei.

Bruno Ramalho é médico ginecologista e atua na área da reprodução humana. Tem uma mania antiga de escrever versos, que já lhe renderam a publicação de *a penúltima coisa que se faz* (uma produção independente, em 1999) e *do amor deveras e das quimeras* (emooby, 2011), além de poemas em coletâneas literárias e letras para canções do músico Sérgio Ramalho. nas horas vagas, dedica-se a tocar flugelhorn, sua mais recente grande paixão.

DIÁRIOS DE QUARENTENA #11

Uma paisagem de outono

Rodrigo Novaes de Almeida

Uma paisagem de outono

Rio de Janeiro, 30 de maio de 2020.

Habitar sem intervalo este apartamento há semanas. Ou quase sem intervalo, com as idas ao hospital. Ver o mar da janela semiaberta do automóvel, da Uber ou do táxi; atravessar o túnel e contemplar a manhã ensolarada na orla de Botafogo, o Pão-de-Açúcar e as ruas desertas, tal como o calçadão.

Não há tráfego, os barcos e veleiros completam a paisagem da enseada.

Tanto tempo depois, retorno à minha cidade. Pensei que me sentiria um estrangeiro quando voltasse... Sem ninguém nas ruas o automóvel atravessa o Aterro do Flamengo — imagino que o sentimento seria o de ser um estrangeiro se houvesse toda a nossa gente nas ruas.

Não há aeronaves partindo ou chegando do Santos Dumont.

Em seguida, o automóvel entra em direção à Lapa para nos deixar no hospital na praça da Cruz Vermelha. Passamos sob os arcos e lembro-me das vezes em que estive aqui,

com colegas ou amigos, nos anos em que trabalhei nas redondezas. Era comum beber um chope antes de ir para casa.

Nunca era um chope, e nunca uma lembrança me fez salivar como agora.

Minha mulher abre a porta do carro, ela pede para eu evitar usar as mãos, e depois que saímos — isto ocorre todas as vezes —, ela pega o frasco de álcool em gel para eu esfregá-las. Obedeço e sorrio sob a máscara. Ela não enxerga meu sorriso, talvez perceba meus olhos aflitos brilharem. Completaremos semana que vem nove anos juntos, entraremos no último ano de nossa primeira década (prefiro contar assim).

Todo momento é histórico, mas há momentos realmente históricos. Estamos vivendo um desses momentos realmente históricos. Outro dia pensei se não seria para estarmos realizando a famosa fantasia: o que você faria se re-

almente soubesse que tem apenas uns poucos dias de vida? Não sabemos quem sobreviverá a essa pandemia, estejamos confinados ou não, e escrever sobre este momento histórico terrível, e escrever sobre este momento realmente histórico e terrível com câncer, fazendo quimioterapia, faz com que eu me pergunte todos os dias: como? Não por que ou para quê. Como? Escrever com toda a sinceridade, escrever tudo o que consigo encerrar em mim dos acontecimentos, e de meus pensamentos e sentimentos mais verdadeiros, é a resposta que me satisfez dar a mim mesmo durante esse tempo. E assim tenho esse propósito de passar para as palavras ao menos um rastro de uma experiência autêntica.

O automóvel faz o caminho de volta. Vamos em direção à Cinelândia para pegar a via do Aterro outra vez. Lojas fechadas, lugares que frequentei diariamente durante anos, em uma vida anterior a esta. Vejo o Largo da Carioca, o final

da Avenida Rio Branco, lembro-me dos cafés, dos sebos e das livrarias, das boutiques de relógios suíços (sempre fui um aficionado pelo mecanismo dessas máquinas) e das lojas de cutelaria.

Os dias se misturam e eu me recordo do Largo de São Francisco deserto dias antes, quando estivemos no entorno em um laboratório para eu fazer exames. Da faculdade de Filosofia fechada, de duas vidas atrás, ou são três já? De suas escadas antigas de madeira que rangiam sob nossos pés; éramos crianças aos 19 anos. Do jardim turco, onde eu me sentava a fim de escrever poemas ruins para as garotas e sonhava com diálogos filosóficos como os dos livros. Das sessões de cinema, e de uma mesa de conversa com a mãe do Glauber Rocha.

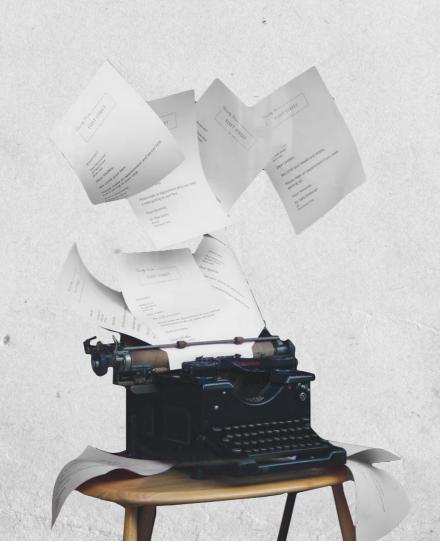
Ao sair do laboratório, passamos em frente ao Real Gabinete Português de Leitura, um dos lugares mais belos do mundo, ali, todo esse tempo. Era para lá que aquele rapaz de 19 anos ia quando se imaginava atemporal no mundo (deixo vago isto). Todas as portas estão fechadas. Todas as ruas, vazias. Um automóvel ou outro, e os dias passavam... Agora há mais gente nas ruas.

Enquanto o tratamento médico dava sinais de que eu estava melhorando, mundos inteiros ruíam, desapareciam completamente. Mundos que não voltarão quando o confinamento passar, como os mortos. Para quem ainda podia ficar em casa, e mesmo assim a morte poderia entrar, como entrou muitas vezes, não era, contudo, mais fácil do que para nós, não era apenas mais um dia à espera de uma vacina contra o vírus. Por outro lado, íamos e continuamos indo

às ruas sabendo que cada saída é como apertar o gatilho de um revólver que está apontado para a própria cabeça, que nem um jogo de roleta russa.

Sobrevivi? Ontem e hoje, sim. É a resposta. A urgência, um sentimento que mesmo com todos os remédios tarjas pretas para dormir me deixavam insone (para que eu escrevesse!), até que os larguei, leva-me a outras questões, como: já não sei se isto é um fragmento do romance ou do diário. Em que pese o sentido da vida à pena da poesia, por que não?, tudo isto: um capítulo do romance Ensaio sobre a paisagem, que ora é novela, ora é ensaio, ora é diário. No entanto, logo eu sei que não colocarei no romance estas linhas.

Por essas ruas desertas em que a passagem do meu es-

pírito, que é também corpo, mas que agora é também a química medicamentosa, que é também morfina há quase seis meses e todos os demais remédios para combater o câncer, se expande em tumultuosos pensamentos e sentimentos, eu convido o leitor em casa a vir comigo para dentro dessa paisagem de outono.

Rodrigo Novaes de Almeida (Rio de Janeiro, 1976) é escritor, jornalista e editor. Formado em Comunicação Social – Jornalismo, com pós-graduação em Publishing e passagens pelas editoras Apicuri, Saraiva, Ibep, Ática e Estação Liberdade. Autor dos livros Carnebruta (Contos, Editora Apicuri e Editora Oito e Meio, 2012), Das pequenas corrupções cotidianas que nos levam à barbárie e outros contos (Editora Patuá, 2018), finalista do 61º Prêmio Jabuti na categoria Contos, em 2019, e A clareira e a cidade (Poesia, Editora Urutau, 2020), entre outros. É fundador e editor-chefe da Revista Gueto e do selo Gueto Editorial, projetos de divulgação de literatura em língua portuguesa e celeiro de novos autores. E-mail para contato: rnalmeida76@gmail.com

DIÁRIOS DE QUARENTENA #12

Fabrício Saldanha

Dias passaram, o mundo ainda está sob estado de alerta. Governos e seus líderes buscam soluções emergenciais e uma medida de quarentena é decretada para a população.

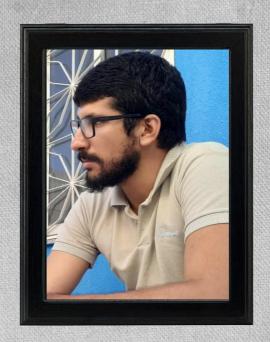
No confinamento das residências, o tempo é benéfico para unir familiares próximos, como realizar trabalhos home Office, trocar experiências de vivência com outras pessoas pelas redes sociais, ou até ser bombardeado por informações criticas e/ou alienantes. Mas o tempo que por instantes é ocioso faz encarar teti-a-teti nossa própria consciência.

O que estamos fazendo? Por que em dias normais não consigo dar atenção a quem está próximo? Por que sempre estou apressado, exausto e estressado? Não consigo ter tempo de apreciar as pequenas coisas da vida, sentir o prazer no sorriso da pessoa amada, abraçar não apenas por cumprimento, mas confortar alguém e deixar ser confortado, olhar para natureza e conseguir enxergar sua beleza e não apenas matéria-prima.

O tempo apressado nos deixa rígido, insensível e egocêntricos. Faz crer que devemos sempre duvidar ao invés de acreditar, a maturidade requer dureza e aos poucos esquecemos a leveza de ser imaturo. Sentir a si próprio, fazer algo sem ganho de riqueza pessoal, mas evoluir no bem estar espiritual. O maior bem não está na montante de riqueza construída, a maior herança é a lembrança de quem fomos, o que fizemos e nosso esforço.

O vírus se alastrou pelo mundo e seu legado não se mede apenas sobre a quantidade de mortos. A solidariedade deve ser repercutida em quantas vidas foram salvas por que ficamos conscientes de nossa importância. Como a higiene pessoal pode evitar a transmissão e contágio de tantas outras anomalias. Que a humildade é capaz de salvar vidas, pequenos atos de compaixão e amor ao próximo unem a pessoas e trazem ares de esperança. Onde uma

comida no prato vale mais que uma roupa de marca. Ter alguém de confiança ao nosso lado vale mais que minutos de prazer fugaz. Que horas perdidas de entretenimento raso sem lembranças, seriam valiosamente gastas criando laços com pessoas que amamos. Criar o discernimento que nada é eterno e ter carinho e atenção com familiares mais idosos. Antes de criticar o próximo por seu ideal, debater sobre um meio termo unificado e real.

O vírus e suas medidas de contenção como a quarentena e o isolamento trouxeram inúmeras mudanças, porém a mudança não começa de fora, ela sempre inicia de dentro.

Fabrício Saldanha é Engenheiro Eletricista formado pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Observador do cotidiano, Rpgista, cinéfilo e participante de grupos de estudo de roteiro de cinema.Possui em seu currículo literário participação na antologia Paginário (Aliás Editora, 2019). Escreve atualmente em seu blog que se intitula Deturpadamente e possui um ig literário com o mesmo nome.

MIRADA
DIÁRIOS DE
QUARENTENA #13

Peste

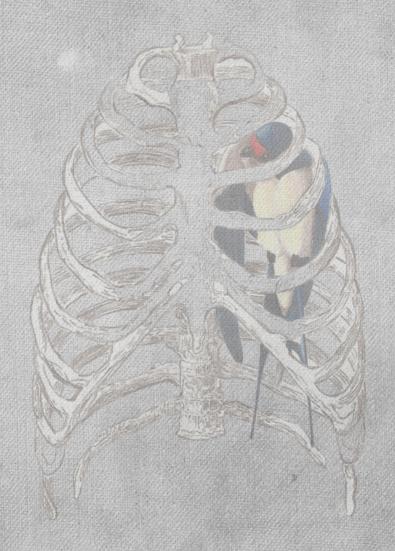
Alberto Bresciani

PESTE

Depois das translações invertidas,
montanhas imensas entraram em casa
e nos deixaram as almas soterradas:
voar já não é uma opção.
Chego a sentir o hálito dos mortos,
o passo que congelou a caminho de outro dia,
os ratos marrons da peste negra no parapeito.

Tudo se torna tão distante e, ao mesmo tempo,
tão íntimo que a garganta incha
e engasgamos entre o quarto e a porta da cozinha.
As horas preenchem de sal as veias tão sofridas,
as horas crescem, crescem em excesso.
Todos falam muito e nada acontece

– enquanto lavam as mãos e nos esquecem.

Na esquina, havia um homem velho
que consertava cadeiras.
Espero, da janela, a sua volta.
Não sei as histórias de antes
que ainda poderei contar,
mas irei até ele, perguntarei seu nome
e o abraçarei fundo, como a um filho
que acaba de nascer.

Alberto Bresciani nasceu no Rio de Janeiro. Vive em Brasília. É autor de *Incompleto movimento* (José Olympio Editora, 2011), *Sem passagem para Barcelona* (José Olympio Editora, 2015, finalista do prêmio APCA de Literatura – Poesia de 2015), *Fundamentos de ventilação e apneia* (Editora Patuá, 2019) e *Hidroavião* (Editora Patuá, 2020). Integra, entre outras, as antologias *Outras ruminações* (Dobra editorial, 2014), *Hiperconexões* (Editora Patuá, 2014), *Pássaro liberto* (Scortecci Editora, 2015), *Pessoa – Littérature brésilienne contemporaine* (Revista Pessoa, édition spéciale – Salon du Livre de Paris, 2015) e Escriptonita (Editora Patuá, 2016). Tem poemas publicados em portais, blogs e sítios da internet e em revistas e jornais impressos.

Imagens Utilizadas

Texturas de Papel & Molduras Utilizadas

http://maiolla.deviantart.com
http://staphylae.deviantart.com
http://dierat.deviantart.com
http://discopada.deviantart.com
http://papermarinonett.deviantart.com
http://s3petic-stock.deviantart.com
http://sixty6ix.deviantart.com

Diário 1

P. 9
Fabrizio Verrechia
https://unsplash.com/@fabrizioverrecchia
P. 10 - 11
Rede Vida - Benção Urbi et Orbi
https://www.youtube.com/watch?time_conti-nue=900&v=VUIDliD2MVo&feature=emb_logo

Diário 2

P. 13
Liliana Ripardo
P. 14
http://lilith-trash.deviantart.com
P. 15 - 20
https://www.deviantart.com/uzlo/art/Textures--Trading-card-backs-503830461
https://www.deviantart.com/misssnoopy25/art/textures-for-big-graphics-152902495

Diário 3

P.21
Wesley Tingey
https://unsplash.com/s/photos/wesley-tingey
P. 22
Nathan Defiesta
https://unsplash.com/s/photos/nathan-defiesta
P. 24
Christina Machado
https://www.spotart.com.br/christinamachado/arterias-lambe-lambe-baby-4
P. 27
Gor Davtyan
https://unsplash.com/photos/O6soJYiyWCI

Diário 4

P. 29
Bruno Rodrigues
Ig: @bsunord
P. 30
Polotaro
https://www.flickr.com/photos/polotaro/36697353503
Osheisgaga
https://www.deviantart.com/ohsheisgaga
P. 32
Cypher-s
https://www.deviantart.com/cypher-s
P. 33 e 34
Nyssa-89
https://www.deviantart.com/nyssa-89

P. 35 e 36
Mithila Jariwala
https://theculturetrip.com/asia/japan/ar-
ticles/the-history-of-toro-nagashi-japans-
-glowing-lantern-festival/

Diário 5

P. 37 - 48
Fotografias por Léo Silva
IG: @desconectaleo

Diário 6

P. 49
Misael Covarrubias
https://unsplash.com/@misaelc13
P. 50
Agnes Cecile
https://www.deviantart.com/agnes-cecile/gal-
lery

Diário 7

P. 54
Argentina Castro
P. 55
https://www.deviantart.com/vengeanceavenue/
art/PNG-pack-by-VACOM-252013627
P. 56 - 60
Argentina Castro

Diário 8

P. 61
Sasha Freemind
https://unsplash.com/@sashafreemind
P. 62
Dan Novac
https://unsplash.com/@dnovac
P. 63 e 64
Cataclysmicly
https://www.deviantart.com/cataclysmicly

Diário 9

P.67
Lisiane Forte
P.68-74
Lisiane Forte

Diário 10

P. 75
Free Photos
https://pixabay.com/pt/users/free-photos-242387/
P. 76-77
Fotografia por Bob Clark
https://www.pexels.com/pt-br/@bclarkphoto
P. 78-79
Fotografia por Rowan Heuvel
https://unsplash.com/@insolitus

Diário 11

P.81
Free Photos
https://pixabay.com/pt/users/free-pho-
tos-242387/
P. 82
Fotografia por Nelson Corrêa -
https://www.flickr.com/photos/po-
meu/3916025689/
P. 83-84
Fotografia por Vania
https://www.dicasdeumacarioca.rio/arcos-da-
-lapa/
P.85
http://www.guiding-architects.net/rio-de-ja-
neiro-world-congress-of-architects-in-2020/
largo-da-carioca-rio-de-janeiro-insight-ar-
chitecture/

Diários 12

P.91
Raphael Brasileiro
https://unsplash.com/s/photos/raphael-brasi-
leiro
P.92
Fotografia por Renan Braga -
https://unsplash.com/s/photos/renan-braga
P.94
Ilustração de Agnes Cecile
https://www.deviantart.com/agnes-cecile/art/
frail-lull-new-speed-painting-467283871

Diário 13

P.97
Joyce Romero
https://unsplash.com/@joyceromero

P.98
O Globo
https://www.gbnews.com.br
Pg. 100
Nyssa
https://www.deviantart.com/nyssa-89
P.102-103
Carta Capital
https://www.cartacapital.com.br/blogs/deus-falou-
-nas-areias-de-copacabana/